



# Autoria feminina na literatura anglo-canadense: das pioneiras às pós-modernistas

Lis Doreto Romero\* e Cleide Antonia Rapucci

Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho', Rua Quirino de Andrade, 215, 01049-010, São Paulo, São Paulo, Brasil.\*Autor para correspondência. E-mail: lizdoreto@gmail.com

**RESUMO.** A literatura canadense, ou CanLit, tem uma história singular. As mulheres imigrantes que foram para a *New Land*, colônia britânica na época, e que possuíam aspirações literárias, não se pouparam da pena: produziram obras, porém não sem dificuldade, as quais, a princípio, tiveram suas características literárias negligenciadas. As pioneiras, tempos depois, tiveram suas obras revisitadas e utilizadas como fonte de inspiração para autoras do século XX que objetivavam subverter e transgredir as normas. Assim, fazendo uso da crítica feminista, que tem como um de seus objetivos analisar o conteúdo das produções das mulheres e evidenciar autoras que obtiveram pouco ou nenhum destaque, este artigo busca apresentar um recorte sobre autoras canadenses desde as pioneiras até as pós-modernistas e relacionar suas produções. Tal relação considera os aspectos metaficcional das produções pós-modernas em que o retorno ao passado se coloca como um desejo de transformação. Além do exposto, o presente artigo também procura aproximar a cultura canadense do público brasileiro, uma vez que as pesquisas acerca da literatura produzida pelas canadenses são limitadas na academia brasileira.

**Palavras-chave:** canlit; autoria feminina; crítica feminista; Canadá.

## Female authorship in anglo-canadian literature: from pioneers to postmodernists

**ABSTRACT.** Canadian literature, or CanLit, has a distinct history. The immigrant women who went to the New Land, then a British colony, and had literary aspirations, were quick to wield their pens: they produced works, although not without difficulty, which initially had their literary characteristics overlooked. In later years, these pioneers had their works revisited and used as a source of inspiration for 20th-century female authors who aimed to subvert and transgress norms. Thus, through the lens of feminist criticism, which aims to analyze the content of women's productions and highlight authors who received little or no recognition, this article aims to present a selection of Canadian women authors from the pioneers to the postmodernists and establish meaningful connections between their works. This connection considers the metafictional aspects of postmodern productions in which a return to the past is seen as a desire for transformation. Furthermore, this article also aims to bring Canadian culture closer to the Brazilian audience, as research on the literature produced by Canadian women is limited in Brazilian academia.

**Keywords:** canlit; female authorship; feminist criticism; Canada.

Received on October 13, 2023.

Accepted on April 12, 2024.

## Introdução: uma literatura para chamar de sua

No século XX, a identidade nacional foi tema e inspiração para diversas escritoras e escritores canadenses. A preocupação com questões nacionais pode ser observada desde as primeiras publicações sobre o Canadá, país que, assim como o Brasil, carrega marcas do processo de colonização.

Quando se fala em literatura fala-se também em sociedade. Assim, o desejo de retratar o Canadá a partir de textos literários é uma forma orientada utilizada por artistas para fazer valer suas perspectivas. Diante disso, cabe considerar, a título de análise, que uma obra possui três funções: uma função total, uma social e uma ideológica. Isto é, as obras são construídas em bases estéticas; elas podem satisfazer necessidades e transformar sociedades e, por fim, suas criações carregam função ideológica (Cândido, 2006). Desse modo, entende-se que a preocupação em desenhar a nação canadense não pode ser compreendida separada do seu contexto, tampouco isenta de juízos de valor.

A literatura é uma arte que carrega em si relações com poderes sociais (Eagleton, 2006), estando o patriarcado presente nessa relação. Assim, a presença das mulheres nas letras, e na sociedade em geral, deve ser analisada considerando esse sistema que subjuga a mulher e a coloca em posição secundária. Tratando-se da literatura, quando as mulheres começaram a publicar suas obras, muitas delas optaram por pseudônimos. Virginia Woolf justifica a anonimidade pelo “[...] senso de castidade [...]” (Woolf, 2014, p. 74) das mulheres, que nada mais é do que o poder que o patriarcado tem em cerceá-las ao ponto de fazê-las sentir medo e vergonha de se expressarem.

Uma vez que o patriarcado é o sistema sobre o qual a sociedade se organiza, a dedicação à pena era e ainda é ato de bravura. Embora nos dias de hoje as mulheres não precisem recorrer a pseudônimos para terem suas obras publicadas ou lidas, a literatura de autoria feminina ainda se vê na necessidade de lutar pelo seu reconhecimento, bem como as mulheres ainda precisam reivindicar direitos e lutar para manter os que já conquistaram.

Nesse sentido, para que as obras literárias cheguem até os leitores, é necessário que elas passem por uma complexa rede que envolve diferentes setores do mercado editorial e econômico. Tais instituições, bem como os críticos e as críticas literários, são aspectos fundamentais e que devem ser levados em consideração quando se reflete sobre questões como o cânone e quem e qual obra ler.

A literatura canadense, ou a CanLit, como é popularmente conhecida, pode se referir a diferentes campos culturais. Como disciplina acadêmica, ela possui um significado; como indústria, outro. O seu cânone às vezes “[...] se sobrepõe ao sucesso de determinados autores e livros” (McGregor, Rak, & Wunker, 2018, p. 17, tradução nossa).<sup>1</sup> A escritora Margaret Atwood, por exemplo, integra o cânone da CanLit, enquanto Susan Swan, embora reconhecida e tendo livros divulgados e traduzidos em diferentes países, raramente é citada em sua totalidade nas antologias que abordam produções de autoria feminina canadense, havendo também poucos estudos sobre suas obras no Canadá (Romero, 2020).

É consenso entre os críticos literários que a literatura canadense foca na escrita de língua inglesa, embora ela reconheça, em certa medida, obras escritas em francês e produções indígenas. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que o território do Canadá foi colonizado tanto pela Inglaterra quanto pela França e, como em outras regiões similarmente exploradas, houve uma tentativa de apagamento da cultura dos povos originários:

O cristianismo foi imposto e as crianças foram proibidas de falar suas línguas maternas e forçadas a falar inglês ou francês. Muitas crianças também sofreram violência física, emocional e abuso sexual nas mãos daqueles responsáveis pela sua educação e cuidado (Mitchell, 2015, p. 19, tradução nossa).<sup>2</sup>

Ainda assim, curiosamente, a CanLit tende a dar destaque a obras que exaltam as opressões vivenciadas por minorias. Tal característica fez com que críticos se intrigassem: “Por que há tantos autores subalternos representados na CanLit apenas quando contam histórias de opressão e marginalização?”<sup>3</sup> (McGregor et al., 2018, p. 18). Tal questionamento enfatiza um aspecto importante das redes que sustentam o cânone literário canadense, em que autoras e autores representantes de grupos minoritários obtêm maior projeção apenas quando escrevem sobre suas dores, embora suas existências não sejam resumidas ao sofrimento.

Esse enfoque narrativo, pois, também se ancora na ideia de construção de uma identidade nacional, e ganhou impulso somente no final da década de 1950, com a criação do *Canada Council*, período em que muitos escritores e editoras passaram a receber apoio governamental. Uma das razões para esse incentivo decorreu do esforço em querer distanciar a cultura canadense da estadunidense, ao passo em que o Canadá também procurava afirmar sua independência com relação à Coroa Britânica, após a Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo período, a literatura canadense começa a ser lecionada em universidades e colégios.

Nas décadas de 1960 e 1970, a produção de autoria feminina ganhou força, sendo o pensamento pós-moderno a forma literária mais evidente e impactante das obras produzidas nesse período, com destaque às narrativas de ficção historiográfica. Foi também nessa época que no Ocidente as mulheres começaram a ocupar mais amplamente posições de destaque dentro das universidades e a crítica feminista começou a ser desenvolvida. Privilegiando o estudo de obras literárias escritas por mulheres, esse movimento delimitou seu escopo de análise nas relações entre o conteúdo da escrita e o seu contexto de produção.

<sup>1</sup> “[...] overlaps with the market success of particular authors and books”. Ressaltamos que a partir de agora todas as traduções presentes no corpo do texto são de nossa autoria.

<sup>2</sup> “Christianity was imposed and children were forbidden from speaking their languages, forced instead to speak English or French. Many children also suffered physical, emotional and sexual abuse at the hands of those responsible for their education and care”.

<sup>3</sup> “Why are so many minoritized authors represented within CanLit only when they tell stories of oppression and marginalization?”

Tratando-se do Canadá, pode-se afirmar que a história da literatura de autoria feminina se destaca e é singular, uma vez que a primeira obra de ficção a respeito do território, que ainda não havia se transformado em nação, foi escrita por uma mulher.

### As pioneiras

A autora da primeira obra de ficção produzida sobre e no Canadá foi Frances Brooke (1723-1789). *The history of Emily Montague* (1769) é considerada a primeira obra a retratar o encontro “Entre uma sensibilidade britânica feminina e a paisagem, clima e pessoas canadenses” (Hammill, 2003, p. 1, tradução nossa).<sup>4</sup> Brooke era esposa de um oficial britânico e morou apenas cinco anos no Canadá, tempo suficiente para a então colônia inspirá-la a escrever sobre a vida no Quebec.

No século XVII, a presença feminina imigrante na colônia era majoritariamente composta por mulheres religiosas. Essas mulheres colaboraram com a criação de hospitais, escolas, orfanatos, igrejas. A fim de povoar a *New France*, mulheres conhecidas como as *filles du roi* (filhas do rei) foram levadas da França ao Canadá. Tanto elas quanto seus maridos recebiam incentivo monetário para terem filhos (Mitchell, 2015). No século XVIII, as mulheres da *New France* organizaram os primeiros protestos do país.

Dez anos antes da publicação de *The history of Emily Montague*, o Canadá foi conquistado pela Grã-Bretanha, em 1759. Em 1760, o Tratado de Paris foi assinado, ratificando a posse da *New France* à Inglaterra. É nesse cenário de pós-guerra que Brooke imigra para o Canadá. Vale mencionar que, durante o século XVIII, a escravidão era ainda permitida, e no Canadá existiam escravos negros e indígenas.

Como esposa de um capelão britânico, ainda que em uma sociedade com recursos limitados tal como o Canadá do século XVIII, as ocupações de Brooke se resumiam ao lar, à família e também à escrita. A autora, quando em Londres, integrava o círculo intelectual inglês e também era uma *blue-stocking*<sup>5</sup> (Hammill, 2003).

No Canadá, a vida intelectual e artística era praticamente nula: “Quase não havia atividade artística ou intelectual na colônia na época de Frances Brooke, e de acordo com Elizabeth Simcoe, o cenário não havia melhorado muito até 1790” (Hammill, 2003, p. 2).<sup>6</sup> Brooke foi uma mulher privilegiada e pôde ter acesso à educação de qualidade, sendo alfabetizada em inglês e em francês. Além da insatisfação com a vida intelectual, a própria colônia e suas características geográficas e climáticas impactaram fortemente a autora.

O atual Canadá localiza-se em uma região de clima temperado, com quatro estações bem demarcadas, sendo destaque os verões úmidos e os invernos com temperaturas muito baixas. No inverno, a paisagem local se apresenta como fria e inóspita.

Esses elementos naturais, quando adicionados à cultura dos povos originários da então colônia britânica, se colocavam como severos obstáculos à Brooke. Em uma passagem de *Emily Montague* encontra-se a seguinte afirmação: “[...] eles me parecem, de tudo o que eu vi e ouvi, grosseiros, ignorantes, otimistas, muito egoístas, mas ainda acolhedores” (Brooke, 1777, p. 38).<sup>7</sup> Acredito que a personagem Emily não está sendo irônica quando diz que os nativos eram acolhedores, visto que sua concepção de ‘povo ignorante’ caracteriza os indivíduos como dotados de uma docilidade incapacitante, não se opondo à colonização, à escravização ou até mesmo à morte.

É importante destacar que, em um primeiro momento, as populações indígenas, sobretudo as mulheres, colaboraram com as atividades do mercado de pele, uma das primeiras atividades mercantis desenvolvidas durante a colonização.

Em *The history of Emily Montague* (Brooke, 1777), obra escrita em gênero epistolar, Brooke retrata a vida e as relações sociais na colônia, bem como as paisagens naturais da região. O livro se tornou essencial àqueles que fossem visitar as terras do atual Canadá, por conter interessantes descrições sobre seus habitantes, sua vegetação e clima. No entanto, outras características literárias da obra, como a fluidez da narrativa, as percepções sobre a temporalidade e sua complexidade foram por muito tempo negligenciadas (Fraser, 1991). Isso se deve, entre outros fatores, não somente ao momento de produção da obra, século XVIII, mas também ao fato de a autora ser mulher. Tais aspectos corroboram o fato de que a valorização dos textos literários dependia do interesse de um grupo restrito, o qual era composto por homens.

<sup>4</sup> “Between a female English sensibility and the Canadian landscape, climate and people”.

<sup>5</sup> As *blue-stockings*, nome dado em referência à meia calça de qualidade inferior utilizada na Inglaterra no século XVIII, defendiam a ideia de que mulheres e homens eram intelectualmente e moralmente iguais. Além disso, elas também defendiam que às mulheres deveria ser ofertada educação de qualidade.

<sup>6</sup> “!There was hardly any artistic or intellectual activity in the colony in France’s Brooke time, and, according to Elizabeth Simcoe, the situation had not improved much by the 1790s”.

<sup>7</sup> “[...] they appear to me, from all I have heard and seen of them, a rough, ignorant, positive, very selfish, yet hospitable people”.

A escrita literária de ficção, principalmente aquela em prosa, por muito tempo foi rechaçada por se assemelhar à escrita direcionada às crianças e por ser compreendida como feminina. No século XVIII, considerava-se o romance adequado apenas a mulheres ociosas (Goody, 2009). Muitos acusavam o estilo de desviar as mulheres dos seus afazeres domésticos e do casamento (Siti, 2009). Essa crença que coloca a produção imaginativa e a autoria feminina em segundo plano se dá em oposição à crença de que a literatura séria, ou seja, a que não é ficção, e, sobretudo a escrita por homens, como sendo a ideal. Por esse motivo, quando Fraser afirma que *Emily Montague* era mais valorizada pelos historiadores principalmente pelas suas cenas descritivas da vida no Quebec na época da conquista (Fraser, 1991), entende-se o porquê da literariedade e das questões relacionadas ao gênero serem, com frequência, ignoradas. Ou seja, essa questão é também uma questão de gênero, e consequentemente, de poder.

As irmãs Catharine Parr Traill (1802-1899) e Susanna Moodie (1803-1885) também partiram da Inglaterra para a colônia. Ambas eram escritoras e, cada uma ao seu estilo, se dedicaram à escrita na *New Land*.

Susanna Moodie imigrou para o Canadá em 1832, quase cem anos após Frances Brooke. O motivo da mudança se deu por questões financeiras. Seu marido, um oficial de baixo escalão, enxergava na colônia uma oportunidade de prosperar – e Moodie se viu obrigada a cumprir o ‘dever’ de esposa, o qual a fazia acompanhar o marido para onde quer que ele fosse, ainda que a contragosto. Moodie apreciava a vida britânica e os costumes da sociedade literária. No Canadá, ela encontrou desafios similares aos de Brooke, como o clima e a diferença cultural.

Em uma carta enviada ao Dr. John Barlett, editor do *Albion*, Moodie afirma que os habitantes da colônia se dedicavam ao provento das famílias e não à literatura, mas que, ainda assim “[...] [Eu] não tenho sido capaz de acalmar aquelas aspirações que em minha própria e bela e amada terra eram uma fonte inesgotável de diversão e deleite” (Moodie apud Hammill, 2003, p. 19-20, tradução nossa).<sup>8</sup> Moodie deu conta de se dedicar aos afazeres domésticos, aos cuidados da família e também à escrita, mas não sem dificuldade.

Entre as obras de Moodie vale destacar *Roughing it in the bush* (1852) e *Life in the clearings versus the bush* (1853). Em *Roughing it*, Moodie não se dispõe a escrever um guia àqueles que desejavam imigrar ou conhecer o Canadá, pelo contrário, com sua escrita e estilo próprios ela propõe “[...] meios de dissuadir [pelo menos] uma família de afundar sua propriedade e naufragar todas as suas esperanças ao se mudar para o interior do Canadá” (Moodie apud Fraser, 1991, p. 66, tradução nossa).<sup>9</sup> Susanna Moodie, após um começo de muita dificuldade na fazenda, tendo que se adequar ao novo estilo de vida e fazer concessões financeiras, consegue se dedicar à escrita profissionalmente no Canadá, escrevendo para a revista *Literary Garland*.

Demonstrando preocupações similares às de Moodie, nas últimas décadas do século XIX Sara Jeannette Duncan (1861-1922) se destacou como escritora. Suas primeiras produções foram análises sobre a literatura canadense do final do período vitoriano, chamando atenção ao fato de que a literatura era de pouco interesse nacional. Duncan chegou a afirmar que

Ainda somos um povo pouco literário. [...] Um espírito de desvalorização e amortecido frente à vida literária tem sido frequentemente observado nos canadenses nos dias de hoje [...] Este é um traço marcadamente colonial; e em nosso caráter de colonos encontramos a raiz de todos os nossos pecados de omissão às letras (Duncan apud Hammill, 2003, p. 48, tradução nossa).<sup>10</sup>

Moodie, pois, ressentia o fato de que estava longe de sua terra natal e da cultura britânica, enquanto Duncan, por outro lado, canadense de nascimento, destaca o fato de que a literatura nacional era ignorada, sendo esse, em sua opinião, um traço marcante do colonialismo.

Na esteira dessa reflexão, Margaret Atwood afirma que somente depois de 1960 que as publicações de poesia e de ficção canadenses ganharam impulso e que, antes disso, a literatura canadense “[...] não era ensinada, requisitada ou até mesmo mencionada (exceto com desdém) na esfera pública” (Atwood, 1972, p. 13, tradução nossa)<sup>11</sup>. No entanto, contra todas as ordens, mulheres não só se arriscaram à escrita, buscando desenvolver um estilo próprio, como também desafiaram as normas culturais, econômicas e políticas.

Em seu romance *The Imperialist* (1904), Duncan escreveu sobre as relações entre a cultura literária canadense, estadunidense e britânica. Sobre sua abordagem à Inglaterra, críticos observam que a autora

<sup>8</sup> “[...] [I] have not been able to chill those aspirations which in my own beautiful and beloved land were a never failing source of amusement and delight”.

<sup>9</sup> “[...] means of deterring one family [at least] from sinking their property, and shipwrecking all their hopes, by going to reside in the backwoods of Canada”.

<sup>10</sup> “We are still an unliterary people [...] A spirit of depreciation of such faint stirrings of literary life as we have amongst us at present has often been remarked in Canadians [...] This is a distinctly colonial trait; and in our character as colonists we find the root of all our sins of omission in the letters”.

<sup>11</sup> “[...] was not taught, required or even mentioned (except with derision) in the public sphere”.

canadense não se mostrava hostil à Coroa. Pelo contrário, ainda que um pouco ambígua, Duncan demonstrava ser uma ávida leitora da literatura inglesa e irlandesa e uma admiradora da cultura britânica (Hammill, 2003). Outro aspecto importante está em sua posição acerca da expansão cultural dos Estados Unidos: “Ela era fortemente resistente ao domínio cultural estadunidense” (Hammill, 2003, p. 50, tradução nossa).<sup>12</sup> Embora mantivesse postura crítica em relação ao domínio estadunidense, ela também se interessava pela cultura do país vizinho.

Para Sara Jeanette Duncan, as tradições britânicas e estadunidenses eram necessárias para inspirar o Canadá. Duncan as enxergava como fundamentais para pavimentar o caminho para que o seu país conseguisse se desenvolver não apenas culturalmente, mas também como sociedade. A autora era otimista com relação à identidade canadense e acreditava em seu grande potencial estético.

Frances Brooke, Susanna Moodie e Sara Jeannete Duncan são três autoras que alcançaram reconhecimento, dentre outras que ainda permanecem pouco conhecidas ou que foram silenciadas pela História. Vale mencionar que antes da colonização os povos nativos que ocupavam o território onde hoje é o Canadá possuíam sua própria cultura literária. As demais pioneiras, bem como a história literária dos povos nativos, não serão contempladas neste artigo dadas as limitações do formato e ao recorte proposto no estudo.

### Do presente ao passado: o retorno

A partir da década de 1970, a crítica feminista começa a ser desenvolvida. É com a publicação de *Sexual politics* (1970), de Kate Millett, que as bases para o aprofundamento do pensamento feminista analítico são estabelecidas dentro da academia. Na década anterior, as feministas começaram a se organizar com mais afinco e a irem às ruas lutar por direitos. O movimento feminista da década de 1960 causou grande impacto cultural, influenciando escritoras e as obras produzidas por elas.

*O Segundo Sexo* de Beauvoir (2019), *A Mística Feminina*, de Betty Friedan (1971), e o artigo *O pessoal é político*, de Carol Hanish (2006) são textos que influenciaram as mulheres canadenses a se organizarem e a lutarem por direitos. As pautas em xeque no Canadá eram similares àquelas levantadas pelas estadunidenses, como o direito ao aborto, ao anticoncepcional, ao trabalho fora da esfera doméstica. No entanto, o Canadá possui suas próprias particularidades culturais, econômicas e políticas.

Na década de 1960 o Canadá passou a reconhecer os indígenas como cidadãos, e foi apenas nessa década que foi concedido às mulheres indígenas o direito ao voto. No país, foi também em 1960 que grupos feministas contra armas nucleares foram criados (Mitchel, 2015). É importante mencionar que a independência do Canadá ocorre na esteira dos movimentos separatistas ocorridos após a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, diferente das nações africanas ou do Oriente Médio, o Canadá não se organizou em atos revolucionários, tampouco enveredou em um conflito armado. Tal processo se deu por mecanismos diplomáticos, sendo a sua independência concedida via acordo.

No final da década de 1950, como comentado anteriormente, o *Canada Council* foi criado, e a comunidade artística canadense não só passou a produzir mais, como também a receber mais apoio. Dos anos 1960 em diante, a ficção produzida no país abasteceu-se dos ideais dos movimentos políticos e sociais:

Estes foram os anos tanto da política nacionalista no Canadá como da ascensão do movimento das mulheres. Não surpreendentemente, a ficção dos escritores e escritoras formados (intelectualmente e politicamente) nos anos sessenta é frequentemente uma ficção engajada, a qual lida com questões que vão desde a identidade canadense à política de gênero (Hutcheon, 1998, p. 11, tradução nossa).<sup>13</sup>

No período em questão, as autoras estavam em busca de uma identidade canadense. Tal identidade não era apenas cultural, mas também política e pessoal, em caráter amplamente identificado com o movimento feminista. Assim, algumas dessas escritoras “[...] tentaram encontrar uma resposta para o que significa ser uma mulher numa nação pós-colonial voltando-se para as pioneiras coloniais do século XIX” (Steenman-Marcusse, 2001, p. 3, tradução nossa).<sup>14</sup> Isto é, a volta ao passado foi uma maneira encontrada por essas mulheres para trabalharem a questão da identidade.

As obras das pioneiras e elas próprias eram heterogêneas. Além das produções publicadas, as pioneiras também deixaram cartas e diários, os quais serviram de modelo para as escritoras do século XX (Steenman-

<sup>12</sup> “She was strongly resistant to the cultural dominance of the USA”.

<sup>13</sup> “These were the years both of nationalist politics in Canada and of the rise of the women’s movement. Not surprisingly, the fiction of those writers formed (intellectually and politically) in the sixties is often engaged fiction, dealing with issues ranging from the Canadian identity to gender politics”.

<sup>14</sup> “[...] tried to find an answer to what it means to be a woman in a postcolonial nation by turning to their nineteenth-century pioneering colonial foremothers”

Marcusse, 2001). Esse retorno, no entanto, não representava um reforço das normas, tampouco saudosismo do período colonial, mas uma nova abordagem sobre o passado como um ato de subversão (Goldman, 1993). As mulheres buscavam alcançar novas possibilidades de vida, e enxergaram na escrita um caminho tanto para a independência financeira como para viverem vidas mais criativas.

Para o patriarcado, a mulher possui deveres inerentes ao seu sexo, como o cuidado com o lar e com a família, e a maternidade. Para Kate Millett, a dominação sexual provavelmente possui “[...] a ideologia mais difundida da nossa cultura e fornece o seu conceito mais fundamental sobre o que é poder” (Millett, 1970, p. 25).<sup>15</sup> Millett também afirma que a principal instituição do patriarcado é a família, que funciona como um espelho e como uma unidade patriarcal dentro de um todo patriarcal (Millett, 1970). Ou seja, o patriarcado é todo um sistema econômico, político e social no qual tudo e todos estão subjugados, e a dominação da mulher é a sua forma mais perversa de exercer o poder.

Quando as autoras do século XX decidiram voltar ao passado para buscar inspiração, elas se depararam com um cenário bastante singular. Como já comentado, a primeira obra escrita sobre e no Canadá foi produzida por uma mulher, *The history of Emily Montague*, de Frances Brooke. Ainda que Brooke não fosse canadense e a obra tenha sido publicada na Inglaterra, *Emily Montague* é popular e integra o cânone canadense. Outras escritoras consideradas pioneiras, tal como Brooke, e tão famosas quanto ela são Susanna Moodie e sua irmã, Catherine Parr Trail, Sara Jeannete Duncan, citadas neste artigo, e Lucy Maud Montgomery, conhecida popularmente como L. M. Montgomery, para citar algumas.

A literatura canadense de autoria feminina, como aponta Lane (2011, p. 125, tradução nossa), “[...] desenvolveu-se de mãos dadas com movimentos sociais, políticos e literários feministas”.<sup>16</sup> Dessa forma, o retorno ao passado é ideológico. O feminismo é um movimento político e social que se ramifica em diferentes vertentes, no entanto, todas elas têm em comum a emancipação das mulheres. A volta ao passado é uma tendência na literatura, na qual autoras e intelectuais se aventuram para dar voz e visibilidade a figuras silenciadas e invisibilizadas, e também para subverter o passado para que novas possibilidades possam ser criadas.

Em *Small ceremonies* (1996), de Carol Shields (1935-2003), pode-se encontrar a protagonista, Judith Gill, escrevendo a biografia de Susanna Moodie. Os elementos presentes na narrativa categorizam o romance como algo que “[...] [busca] desestabilizar todo o conceito de ‘literatura canadense’ e questionar os pressupostos subjacentes à abordagem de temática nacionalista” (Hammill, 2003, p. 119).<sup>17</sup> Shields critica o imaginário canadense que se mantém nostálgico e influenciado por ideias estrangeiras. Quem também se ateu a preocupações similares foi Margaret Atwood.

Uma das poucas escritoras canadenses populares no Brasil, Margaret Atwood (1939-) é autora de obras premiadas, dentre elas o romance *O Conto da aia*, publicado originalmente em 1985, adaptado para a televisão e *streaming* em 2017 e possuindo atualmente cinco temporadas. Em *O Conto da aia*, Atwood (2017) tem como tema central o feminismo, ao mesmo tempo em que aborda questões relacionadas à identidade e à identidade nacional. Tais preocupações marcam presença em diferentes obras da autora, como observa Hammill:

Atwood tem sido capaz de refletir sobre trinta anos de sua própria carreira de escritora e sobre trinta anos do desenvolvimento da cultura literária canadense. Os livros que ela publicou desde 1990 são [...] [produções que] revisitam o território geográfico e imaginativo de seus primeiros escritos e contêm referências intertextuais à literatura canadense anterior (Hammill, 2003, p. 136).<sup>18</sup>

Com uma longa carreira, Atwood não apenas retorna às pioneiras como também consegue retornar às suas próprias produções, uma vez que ela faz parte da história literária de mulheres de seu país e, assim, se permite alterar perspectivas, o que demonstra a possibilidade de novas interpretações. *Alias Grace* (1996), publicada em 1996, é baseada em um texto de Moodie, que visitou Grace Marks na prisão em 1851, bem como contém em seu corpo um dos poemas de Moodie, intitulado ‘*The maniac*’. Em *Alias Grace*, Atwood propõe questionar o julgamento de Moodie sobre Grace (Atwood, 1998).

De maneira similar à de Atwood, sua amiga e escritora Susan Swan (1945-) também se destaca no campo literário canadense. Seu primeiro romance, *The Biggest modern woman in the world* (Swan, 2001), publicado pela primeira vez em 1990, foi bem recebido pela crítica. Nele, a autora “[...] ficcionaliza a biografia de Anna

<sup>15</sup> “[...] the most pervasive ideology of our culture and provides its most fundamental concept of power”.

<sup>16</sup> “[...] developed hand-in-hand with feminist social, political and literary-theory movements”.

<sup>17</sup> “[...] destabilize the whole concept of ‘Canadian literature’ and questions the underlying assumptions of the nationalist thematic approach”.

<sup>18</sup> “Atwood has been able to look back over thirty years of her own writing career, and thirty years of development in Canada’s literary culture. The books she has published since 1990 are [...] All these texts revisit the geographical and imaginative territory of her early writing, and contain intertextual references to prior Canadian literature”.

Haining Swan, uma gigante [...] que desde a sua infância aprende a lidar com o seu corpo desproporcional que ultrapassa os conceitos de normalidade tradicionais” (Feitosa, 2011, p. 14). Susan Swan e Ana Swan, embora com sobrenomes idênticos, não são parentes; inclusive, a família de Ana Swan sugeriu que os livros fossem queimados (Ladderoute apud Goldman, 1993, p. 70), uma vez que a produção não é biográfica e aborda temas polêmicos, como sexualidade e gênero.

Ainda com Susan Swan, seu terceiro romance, *The wives of Bath* (1998), publicado pela primeira vez em 1993, também alcançou grande popularidade, sendo traduzido e publicado em diferentes países e adaptado para o cinema sob o título de *Lost and delirious*, ou *Assunto de meninas* (1998), em português.<sup>19</sup> O título da obra apresenta uma silepse: é um jogo com o conto *The wife of Bath's tale* do poeta inglês Geoffrey Chaucer (2014), publicado originalmente no século XV. Assim, por uma breve análise do título já é possível relacionar a obra de Swan com questões identitárias e de gênero, uma vez que intertextos são intencionais. Consideramos importante uma breve introdução sobre as obras para que o processo de transgressão seja compreendido.

Em *The wife of Bath's tale*, Chaucer (2014) apresenta Alice, a mulher de Bath. O conto é dividido em duas partes: o prólogo, e a história propriamente. No prólogo é onde Alice, uma mulher que já foi casada cinco vezes, discorre sobre sua vida e faz questionamentos sobre temas que hoje podem ser compreendidos como sendo questões referentes às ‘diferenças de gênero’, conceito que à época não existia. Entre os assuntos abordados pela personagem pode-se citar a sexualidade, maternidade e a castidade: “Além disso, gostaria de saber, qual a finalidade dos órgãos de reprodução? E por que foram formados desse modo tão engenhoso?” (Chaucer, 2014, p. 391). Essa passagem do conto também se encontra na epígrafe do romance de Susan Swan.

Como afirma Samoyault (2008), a epígrafe sugere filiação; portanto, ela corrobora o valor paródico da obra de Swan (Romero, 2020). E tal passagem não foi escolhida ao acaso. Ao introduzi-la em seu romance, a autora dá a ela novos contornos: remove-a do contexto medieval, e a coloca na contemporaneidade, onde questões acerca da sexualidade e do gênero são latentes. Outro ponto importante é que o clímax de *The wives of Bath* se dá quando a personagem Paulie remove o pênis de Sergeant, o zelador anão *crossdresser*, para provar à família da namorada de Lewis, seu irmão<sup>20</sup>, que ele é ‘homem’.

Ao escolher o título da obra, o nome dos personagens, como Alice, nome da corcunda de Mouse, e Lewis, nome do irmão de Paulie<sup>21</sup>, e a epígrafe, por exemplo, Susan Swan fez escolhas conscientes demonstrando que a volta ao passado é uma investida cujo objetivo é subverter a norma para poder transgredi-la. Ou seja, ao fazer uso do conto de Chaucer, um dos mais célebres escritores da língua inglesa, Susan Swan elabora uma obra pós-moderna a fim de não apenas jogar luz à relação colonial entre o Canadá e a Inglaterra, mas, principalmente, buscar trazer novas perspectivas a questões de dominação e de gênero. Assim, o paradoxo pós-modernista se apresenta: só é possível transgredir a norma estando dentro dela; em outras palavras, retornar ao passado é buscar conhecer a história e tentar desvendar seus desdobramentos entendendo que é somente de dentro desse conjunto de narrativas que é possível criar novas possibilidades, as quais são mais acolhedoras, igualitárias, e, por que não? Revolucionárias.

Retornar ao passado conscientemente é uma característica das metaficções, e as metaficções pós-modernistas possuem estratégias nas quais as vozes irônicas e paródicas coexistem (Hutcheon, 1985). Linda Hutcheon, teórica canadense, afirma que a paródia significa “[...] repetição com distância crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança” (Hutcheon, 1991, p. 47). E a paródia, bem como a ironia, são recursos amplamente utilizados pelas escritoras canadenses da segunda metade do século XX.

## Considerações finais

Obras literárias são produções artísticas imbuídas de valores e, como comentado anteriormente, possuem função ideológica. Vivemos em uma sociedade capitalista em que seu cerne é uma cultura centrada no homem: o homem como o centro do universo, e sendo o universal ele próprio. O patriarcado subjuga as mulheres e, na literatura, desde o início da civilização moderna quando elas começaram a produzir e a lucrar com suas próprias produções, esse sistema categorizou suas obras como secundárias – isso quando não as estava privando de acessar espaços, de escrever e estudar, ou mesmo de viver. Sendo assim, para exteriorizar os horrores, e também as alegrias, as mulheres se dedicaram à pena para buscar formas mais justas e criativas de viver.

<sup>19</sup> Susan Swan não tem romances publicados no Brasil até o momento.

<sup>20</sup> Paulie se veste com roupas masculinas e cria o personagem Lewis, seu irmão, que namora Victoria. Tal namoro, porém, é proibido pela família da jovem, que questiona se o rapaz é realmente homem. Assim, o irmão de Victoria pede para ver o pênis de Lewis como prova de sua masculinidade.

<sup>21</sup> Mouse é o apelido de Mary Beatrice, narradora e heroína cuja corcunda foi apelidada carinhosamente por ela própria de Alice, nome compartilhado também pela protagonista do conto de Chaucer; Lewis, pois, é o nome de um dos filhos de Chaucer na vida real.

Uma característica importante quando se trata de analisar literatura é o contexto em que as obras foram escritas. Quando se fala no processo de colonização canadense, esse possui suas próprias especificidades, as quais o fazem único, embora existam semelhanças com, por exemplo, a colonização estadunidense e brasileira. Ao longo do presente artigo, pôde-se observar que ainda no começo do processo da colonização canadense mulheres tiveram a oportunidade de se dedicar à escrita. Naturais de Londres e intelectuais, algumas das 'pioneiras' possuíam recursos para escrever, porém as características literárias de suas obras foram, em um primeiro momento, negligenciadas.

Frances Brooke é autora da primeira obra que foi escrita sobre e no país. *Emily Montague* integra o cânone canadense, assim como as produções das irmãs Catharine Parr Traill e Susanna Moodie. A contribuição das obras das pioneiras é tão grande, com destaque à Susanna Moodie, que escritoras do calibre de Margaret Atwood trazem sua personalidade e suas obras para suas próprias produções. A presença da geografia canadense, do misterioso e do selvagem, por exemplo, são aspectos presentes nas obras das *foremothers* que escritoras pós-modernistas retomaram para poder, com toques de subversão, dar novas possibilidades ao destino das mulheres.

A partir da segunda metade do século XX, com o projeto de nação tomando curso e com o Canadá cada vez mais buscando desenvolver uma identidade própria, artistas de diversas áreas produziram com mais afinco. De modo algum isso significa que obstáculos não existiram. Porém, para se distanciar dos Estados Unidos, por exemplo, a CanLit se focou nas narrativas das minorias, buscando ressaltar suas fragilidades e lutas como ponto de divergência entre os dois países. A CanLit acreditava, talvez ainda acredite, que evidenciar tais literaturas traria um bom contraste entre o caráter canadense e o estadunidense, e assim o país se asseguraria como nação multicultural e aberta às diferenças. No entanto, a CanLit enquanto instituição é um órgão complexo e possui determinadas agendas, ou seja, é preciso considerar suas ações como ideológicas.

Para que a literatura canadense pudesse se desenvolver, a previsão de Sara Jeanette Duncan se provou correta: as literaturas estadunidenses e britânicas foram fundamentais. Considerando as escritoras pós-modernistas, como Susan Swan, que parodiou Chaucer em *The wives of Bath*, a literatura inglesa foi fundamental para que a própria literatura canadense pudesse se desenvolver e com o tempo estabelecer seus próprios moldes.

Com isso, observando as contribuições de Swan, por exemplo, a qual provoca o conceito tradicional e binário sobre o que é ser homem e mulher sem sair de um conjunto de regras existentes dentro de um sistema, característica essencialmente pós-moderna, é possível refletir sobre como o passado é fundamental para que, por meio dele, novas possibilidades possam ser pensadas e criadas com fins subversivos e transgressores. Afinal, se foi e é possível imaginar e criar o mundo atual, é também possível imaginar e criar um mundo melhor, ainda que dentro desse sistema que se mostra tantas vezes violento e perverso.

## Referências

- Atwood, M. (1996). *Alias Grace*. Nova Iorque, NY: Anchor Books.
- Atwood, M. (1998). In Search of Alias Grace: on writing canadian historical fiction. *The American Historical Review*, 103(5), 1503-1516. DOI: <https://doi.org/10.2307/2649966>
- Atwood, M. (2017). *O conto da Aia* (A. Deiró, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Atwood, M. (2012). *Survival: A thematic guide to canadian literature*. Toronto, ON: House of Anansi.
- Beauvoir, S de. (2019) *O segundo sexo: a experiência vivida* (S. Milliet, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira.
- Brooke, F. (1777). *The history of Emily Montague*. London, UK: R. e J. Dodsley.
- Cândido, A. (2006). *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Ouro Sobre Azul.
- Chaucer, G. (2014). *Os contos de Canterbury* (P. Viziolli, Trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Eagleton, T. (2006). *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Feitosa, A. P. (2011). *Mulheres-monstro e espetáculos circenses: o grotesco nas narrativas de Angela Carter, Lya Luft e Susan Swan* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Fraser, W. (1991). *The dominion of women: the personal and the political in canadian women's literature*. New York, NY: Greenwood Press.
- Friedan, B. (1971). *Mística Feminina* (A. Weissnberg, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Goldman, M. (1993). *No man's land: re-charting the territory of female identity in selected fictions by contemporary Canadian women writers* (Tese de Doutorado). Universidade de Toronto, Toronto.

- Goody, J. (2009). Da oralidade à escrita: reflexões antropológicas sobre o ato de narrar. In F. Moretti (Ed.), *A cultura do romance* (p. 35-68). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Hammill, F. (2003). *Literary culture and female authorship in canada 1760-2000*. New York, NY: Rodopi.
- Hanish, C. (2006). *A Critique of the Miss America Protest: the 1968 classic with some new introductory thoughts*. Recuperado em <https://carolhanisch.org/CHwritings/MissACritique.html>
- Hutcheon, L. (1985). *Uma teoria da paródia*. Lisboa, PT: Edições 70.
- Hutcheon, L. (1991). *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hutcheon, L. (1998). *The Canadian Postmodern: A study of Contemporary Canadian Fiction*. Canadá, TO: Oxford University Press.
- Lane, R. J. (2011). *The routledge concise history of canadian literature*. New York, NY: Routledge.
- Millett, K. (1970). *Sexual politics: a surprising examination of society's most arbitrary folly*. Nova York, NY: Doubleday & Company.
- Mitchell, P. (2015). *About Canada: women's rights*. Winnipeg, MB: Fernwood Publishing.
- McGregor, H., Rak, J., & Wunker, E. (2018). *Refuse: canlit in ruins*. Burnaby, BC: Book\*hug.
- Pool, L. (Diretora). (1998). *Assunto de Meninas* [filme]. Produção: Greg Dummett Films e Cite-Amerique.
- Romero, L. D. (2020). *Gênero e subversão em The Wives of Bath (1993), de Susan Swan* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis.
- Samoyault, T. (2008). *A intertextualidade*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Shields, C. (1996). *Small ceremonies*. Canadá, TO: Vintage.
- Siti, W. (2009). O romance sob acusação. In F. Moretti (Ed.), *A cultura do romance* (p. 165-196). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Steenman-Marcusse, C. (2001). *Re-writing pioneer women in anglo canadian literature*. Amsterdam, NL: Rodopi.
- Swan, S. (2001). *The biggest modern woman of the world*. Canadá, TO: Lester & Orpen Dennys Limited.
- Swan, S. (1998). *The wives of bath*. Inglaterra, UK: Granta Books.
- Woolf, V. (2014). *Um teto todo seu* (B. Nunes, Trad.). São Paulo, SP: Tordesilhas.